

“Abaixo ao sistema”, “poder ao povo”, “luta de classes”, “maoísmo”, “trotskismo”, entre outros dizeres estão presentes nesse filme lançado no ano de 2016, *Capitão Fantástico*, do diretor Matt Ross que também escreve o roteiro. Em meio à diversidade de críticas sociais contidas no filme, daremos destaque a uma análise que colocará como central o nosso entendimento sobre a formação humana, o processo de escolarização e seus limites. Inseridos dentro disso o filme coloca em contraste o processo educativo dos seis filhos, cujos nomes (Bo, Kielyr, Vespyr, Rellian, Zaja e Nai) foram dados segundo a concepção budista, que entra em contraste com a educação na sociedade capitalista atual.

#### **Cinema: Assistência Crítica e Interpretação Correta**

Primeiramente, devemos entender que o cinema é uma produção coletiva e que repassa uma mensagem através de meios tecnológicos de reprodução, produzindo imagens, diálogos que possibilitam a montagem (VIANA, 2012). O que devemos nos atentar na representação de um filme é o que lhe é fundamental, a sua mensagem, que perpassa valores, sentimentos, concepções e interesses de classes. Assim, em um segundo momento, entendemos que a análise de um filme perpassa pela compreensão de sua mensagem fundamental, que não deve ficar restrita ao formalismo da crítica cinematográfica que retira um ou outro elemento (fotografia, direção, roteiro, encenação, montagem, etc.) em detrimento do que o filme quis realmente de fato

---

\* Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Goiás.



repassar para o assistente (“espectador”) em sua totalidade. O ato de assistir um filme é um ato de decodificação, mas que é diferente da leitura de um livro.

A assistência de um filme pressupõe saber os códigos, desde suas unidades mais elementares até as mais complexas, chegando à totalidade. A assistência é uma decodificação na qual, tal como a leitura, é necessário compreender o significado das unidades elementares e sua totalidade (VIANA, 2009, p. 10).

Assistir um filme pressupõe uma relação diferente de ler um livro, observar uma pintura ou ouvir uma música. O que importa é atentarmos para essa especificidade que é compreender o universo ficcional do filme através de uma assistência crítica, o que implica em uma assistência que coloque em discussão o elemento fundamental de um filme (a sua mensagem) e os seus elementos constituintes (cenas iniciais, fundamental, final, sucessão das cenas, trama, etc.). Além disso, também partimos de uma determinada perspectiva teórico-metodológica, no qual coloca em questão que a crítica não é um fim em si mesmo, mas uma busca pela transformação social a partir da perspectiva do proletariado. Portanto, buscaremos uma interpretação possivelmente correta do filme dentro de uma exposição textual derivado de uma assistência crítica, no qual permite ultrapassar a percepção do filme como algo dado e autossuficiente, não se limitando ao universo ficcional do filme, mas também buscando seus fundamentos e seu significado social e histórico (VIANA, 2009).

Então, esse será o nosso tema: relacionar o universo ficcional do filme *Capitão Fantástico* (2016) com alguns elementos sociais e históricos que podem não aparecer dentro de uma assistência mecânica, contemplativa ou formalista. Esta última foi destacada como aquela feita pelos agentes dentro da esfera cinematográfica, os críticos de cinema, que realizam uma assistência do filme apreciando apenas os elementos técnicos. As outras duas assistências (mecânica e contemplativa) se referem aos indivíduos (assistentes) que assistem ao filme dentro de uma percepção limitada. No primeiro caso, a mecânica, os indivíduos apenas “passam os olhos”, “veem”, mas não compreendem a trama do filme; no segundo caso, a contemplativa, a percepção fica contida na compreensão da trama do filme se limitando ao universo ficcional em sua estrutura própria



## **Escolarização na Sociedade Capitalista**

A escola, universidade ou qualquer instituição de ensino público ou privado reproduz as relações de produção capitalistas dominantes. Não é um lugar "neuro" ou apartado de outras instituições sociais como uma empresa, o sindicato ou o partido. A educação visa somente à qualificação da força de trabalho especializado e sua reprodução dentro de relações de produção capitalistas. Para isso é necessário o mesmo controle, disciplina e hierarquia que existe em qualquer outra instituição social. Assim, a educação é mercantil e burocrática, não foge à regra e necessita formar pessoas dentro dessa finalidade. Por isso, a educação dentro do processo de escolarização é conservadora, produz relações sociais que reproduzem essa sociedade e possui como finalidade a formação de força de trabalho especializada para o mercado de trabalho.

O mundo que conhecemos através do processo de escolarização é cada vez mais aquele inserido dentro da organização complexa da escola: quadro negro, giz branco, professores ou professoras, pátios, corredores, carteiras enfileiradas, horário, chamada com nosso nome registrado, conteúdo pré-determinado, avaliações, punições por atraso ou reprovação. Enquanto seres humanos pertencentes a uma sociedade capitalista, cada vez mais tem diminuído a idade para a entrada na vida escolarizada. A partir dos 2, 3 ou 4 anos de idade, é possível que a maioria das crianças (outras entram no mercado de trabalho precocemente devido às condições de vida que são precárias) esteja entrando em uma creche, maternal ou jardim de infância, para passar o tempo em um local chamado escola, instituição escolar que abrange todos os momentos de formação no processo de socialização e ressocialização. É o começo de algo que se seguirá até o possível ingresso na universidade ou curso técnico especializado.

A educação formal (escolarização) cada vez mais tem se constituído como peça fundamental de tudo o que seremos, pensamos e devemos ser dentro da sociedade capitalista, dependendo da classe social em que os indivíduos estão inseridos, os valores, etc., a escolarização é imposta com maior ou menor grau. Entretanto, por outro lado, a família, as relações amorosas e os amigos, o ambiente fora da escola (educação não formal) ainda são um refúgio, em menor grau, cada vez menor dependendo da



classe social, do que ainda resta de relações íntimas, solidárias e serve quase como um escape dentro do mundo no ambiente escolar e no mercado de trabalho. Na maior parte do tempo, estaremos na escola ou no trabalho - que se inicia mais cedo dependendo das condições de vida. A escolarização se tornou um processo obrigatório e universal de inserção na sociedade capitalista, o que se contrapõe à formação de um ser humano onilateral, em que as suas potencialidades, tais como a criatividade, espontaneidade, entre outras, possam efetivamente se concretizar.

Todo esse processo implica na imposição, seja por via da repressão ou coerção, de determinados comportamentos, ideias, valores, mentalidade, sociabilidade, todo um modo de vida que prepara os indivíduos para viver nessa sociedade. A escolarização via instituição escolar é uma forma de educação que ao longo da história (começo do século XX) se tornou dominante no processo de inserção de qualquer indivíduo na sociedade capitalista. Os indivíduos são submetidos a uma introjeção dos valores dominantes como a competição, quando é necessário tirar a melhor nota, fazer o melhor trabalho, ser aprovado no vestibular, o melhor da turma, etc. Como também a mentalidade burocrática, a disciplina para acordar todo dia cedo para ir à escola, fazer as tarefas que são exigidas semanalmente, preencher o currículo lattes, participar de eventos acadêmico-científicos, realizarem uma diversidade de exames ao longo da vida, meios que determinam o aprendizado dentro de todo esse processo. Assim como também a classe burocrática (escolar, governamental) controla um saber (formal) previamente determinado através do plano de aula, base curricular comum, critérios do docente, plano nacional de educação, livros didáticos, etc. Portanto, o saber e o aprendizado sobre um determinado assunto prévio, como a matemática, física mecânica ou zoologia, devem ser avaliados de acordo com a nota final no relatório (boletim) acima de uma média definida. O saber real torna-se um saber meramente formal, o aprendizado é trocado por decorar determinados assuntos.

Nesse espaço desenvolve-se o pensamento complexo e a valoração do pensamento científico. A seguir, reproduz-se a divisão social do trabalho intelectual, entre ciências naturais e humanas; na futura escolha dentro do ingresso de um curso





superior ou técnico, uma única profissão dentro da divisão social do trabalho. Portanto, o indivíduo também deverá valorar apenas o conhecimento científico, como também a sua profissão em que está inserido dentro de uma posição na divisão social do trabalho, e também desejar, querer e agir conforme o que se espera que a educação reproduza em cada indivíduo. A escola incentiva a participação na feira de ciências, a construção de trabalhos científicos, a leitura dos livros didáticos e tudo isso deve ser realizado, senão haverá aspunições ou censuras por não seguirmos a lógica de funcionamento do lugar em que estamos inseridos. Assim, dentro da divisão do trabalho intelectual, os indivíduos estão restritos a selecionar apenas uma disciplina futura, provavelmente pressionados por questões financeiras, que levam a decidir um curso e profissão (como por exemplo, engenheiro, médico ou advogado), deixando todo um mundo a descobrir de lado, para focar no específico, condição necessária do trabalho na sociedade capitalista.

Um ser humano unilateral, limitado e que busca o status, a ascensão, a valorar sua profissão, a valorar o seu conhecimento e se conformar diante da realidade existente. Como a empresa capitalista forma trabalhadores disciplinados e produtivos, que devem trabalhar mais e reclamar menos, assim também a escola forma estudantes obedientes. Obedientes aos horários, exames, controlados pelos burocratas e ao conhecimento que serve apenas para a inserção no mercado de trabalho. A educação capitalista não é nada mais do que uma fábrica com o complemento de um discurso ideológico que ainda promete a "mudança", a "consciência", a "autonomia" e a assim chamada "mobilidade social". Quem nunca ouviu o velho ditado: "estude para ser alguém na vida". Isto é, uma representação cotidiana ilusória que inserida dentro de um discurso meritocrático apenas dissimula a máxima da educação como exclusivamente qualificação profissional para o mercado de trabalho, e de maneira nenhuma chega a ser uma formação para a vida, de maneira mais ampla.

### **Socialização Marginal: Fora dos Muros da Escola**

O filme *Capitão Fantástico* toca justamente nessa questão da formação humana na sociedade capitalista. A partir da experiência de um modo de vida radicalmente

**Ano 04, numero 08, jul./dez. 2017**

**[27]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



distinto das demais pessoas na sociedade, o pai Ben e sua esposa Leslie – hospitalizada depois de problemas com uma psicose pós-parto após o nascimento do primeiro filho – educam seus/suas filhos/as para viverem a sua vida fora dos muros da escola, à margem da sociedade capitalista. Estando à margem da sociedade capitalista, a família ainda continua subordinada ao modo de produção capitalista e, por conseguinte, precisa utilizar o dinheiro em alguns momentos do filme, bem como os pais (Ben e Leslie) foram socializados dentro da mentalidade burguesa, valores axiológicos, entre outros aspectos, que só foram rompidos posteriormente, no processo histórico de vida deles que o filme não apresenta.

Assim, nas cenas iniciais do filme *Capitão Fantástico* é apresentado o modo de vida que é específico dessa família composta por Ben e seus/suas filhos/filhas (Bo, Kielyr, Vespyr, Rellian, Zaja e Nai). A mãe deles está hospitalizada e por isso a sua influência na família é apresentada apenas por meio de “flashbacks”<sup>1</sup>. Logo no começo do filme, as cenas iniciais mostram o cotidiano da família no meio da natureza que acompanharemos durante boa parte da projeção. As atividades que seguem são: caçar o próprio alimento, produzir a vestimenta, praticar o hábito da leitura, meditação, exercitar o corpo com atividades físicas como a escalada e luta, aprender a tocar um instrumento musical e viver em comunidade. A família “fantástica” que o título do filme evoca é assim por relacionar uma vida que preza a cooperação (trabalho coletivo), solidariedade, igualdade, respeito entre todos eles e amor recíproco. Segue-se algumas das cenas iniciais que retratam o modo de vida específico dessa família e algumas das atividades que eles vivenciam em seu cotidiano:

---

<sup>1</sup> O filme apresenta uma sucessão de cenas que vão se desenrolando de maneira linear. Os chamados *flashbacks* significam uma apresentação de algumas cenas que interrompem a sequência linear do filme pela interpolação de eventos ocorridos anteriormente (no passado).





Temos dessa maneira um modo de vida da família que é distinto das demais pessoas que vivem nessa sociedade. Acontece que no decorrer do filme, Ben recebe a

*Ano 04, numero 08, jul./dez. 2017*

*[29]*

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



notícia de que a sua esposa Leslie cometeu suicídio. Desde que ela teve o primeiro filho (Bo), houve um agravamento de uma psicose pós-parto que teve como consequência uma alternância de humor, levando a comportamentos violentos e agressivos. Por conta dessa notícia, Ben e seus/suas filhos/as empreendem uma viagem para poderem ir ao enterro da sua mãe Leslie, que será organizada por seu pai Jack. Assim, o filme se adequa a um formato “road-movie” (filme de viagem) que levará a família a confrontar o mundo “real” (a sociedade capitalista). Temos na discussão sobre o funeral a situação-problema central do filme que levará a outras situações-problemas posteriormente: a contradição entre a expressão da liberdade de escolha, colocado na contradição entre o enterro da mãe ser realizado por Ben a partir de sua concepção budista ou o catolicismo conservador expresso na família de Leslie. A família de Ben quer levar o testamento de Leslie adiante e cremá-la, pois, segundo consta no documento era o seu desejo, devido a sua concepção budista. No entanto, seu pai fará o enterro conforme o ritual católico tradicional, em uma igreja e dentro de um caixão.

A família Ben persiste em ir ao funeral, resgatar o corpo da mãe (Leslie) e cremar segundo o seu desejo documentado em seu testamento. Dentro dessa viagem, alguns momentos do filme apontam para uma crítica aos indivíduos na sociedade capitalista. Em um deles, a irmã de Ben e seu marido, ao receberem a sua família em sua casa, criticam o modo como ele impede os/as filhos/as de frequentarem a escola.







Segundo o casal acima retratado, a escola é necessária e fornece o conhecimento básico para o indivíduo se inserir no mundo ao seu redor. Diante disso, Ben chama a sua filha e demonstra que ambos estão equivocados até mesmo sobre o conhecimento de assuntos ensinados dentro do espaço escolar, quando toma o exemplo da constituição dos EUA, que é colocada em discussão entre indivíduos que estão dentro do processo de escolarização (filhos mais velhos da irmã de Ben) e a filha mais nova de Ben que nunca foi à escola. Eis que a segunda mostra muito mais conhecimento crítico, desvelando a fraqueza do velho problema da instituição escolar que ensina muito mais a decorar (memorização passiva), passar nos exames, do que aprender a pensar criticamente. Portanto, a filha de Ben apresenta uma reflexão sobre o tema em questão, desenvolvido a partir de outras leituras, não ficando restrita a uma memorização dos artigos da constituição, o que permite um saber mais aprofundado. Assim, a escola enfatiza mais a memorização passiva do conhecimento, sem outras leituras críticas, reflexões pessoais, possibilidade de desenvolver um saber aprofundado, entre outros aspectos.





Em outras cenas do filme, percebemos um pouco mais da educação dos/as filhos/as de Ben, quando são discutidos assuntos como sexualidade, estupro e até mesmo o suicídio da mãe de maneira aberta, o que incomoda a irmã de Ben, pois tais assuntos não seriam apropriados para as crianças. Também podemos visualizar que essa compreensão está associada a uma reflexão-crítica permanente dos/as filhos/as de Ben e de uma ética humanista abstrata que é sempre incentivada, como na cena em que a filha conversa com seu pai sobre o livro *Lolita*, do autor Vladimir Nabokov. Uma leitura que apenas descreve o livro, ou coloca ele como “interessante”, não são levadas em conta, pois o fundamental é a análise e a compreensão da obra em questão.

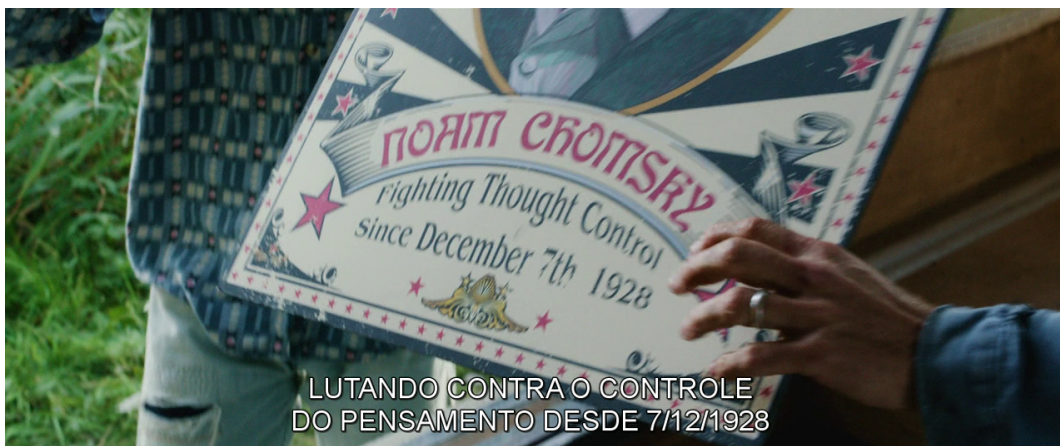
E também o ensinamento humanista abstrato é reforçado nos dizeres de Ben ao seu filho Bo sobre a vida, no que diz respeito às relações amorosas, colocando para ele que: “Quando transar com uma mulher seja gentil e escute ela. Trate-a com respeito e dignidade, mesmo se você não amá-la. Sempre diga a verdade. Viva o dia como se fosse o seu último. Embriague-se”.

O filme também expressa um vínculo com o pensamento crítico quando a família demonstra o conhecimento sobre o esperanto, uma linguagem que se pretende universal e com um pressuposto emancipador. O que é reforçado na cena em que as filhas de Ben conversam em esperanto e ele recrimina a conversa nessa língua, pois eles só poderão conversar dessa maneira quando todas as pessoas aprenderem o esperanto.





Além disso, comemoram o “Dia de Noam Chomsky” no lugar da tradicional festividade do Natal. Noam Chomsky que é um autor autodenominado anarquista e possui um viés crítico dentro da intelectualidade norte-americana. É melhor lembrar-se de Chomsky do que comemorar o Natal, como o diálogo entre o pai respondendo ao filho sobre o motivo de comemorar essa data demonstra: “Prefere acreditar em um elfo fictício ou em um filantropo que luta pelos direitos humanos e a tolerância?”.



A família demonstra também desprezo à instituição Igreja. Quando eles chegam ao ritual funerário organizado por Jack, Ben discursa na frente de todos, de acordo com o testamento de Leslie, que era desejo dela ser cremada, segundo a sua concepção budista, e jamais enterrada em um cemitério. Adiante, coloca-se uma crítica à religião católica, enfatizando a instituição igreja que cria uma organização burocrática,





eclesiástica, produzindo e reproduzindo um controle e uma hierarquia, que nada mais poderia expressar uma doutrina que induz a uma obediência cega, oposto ao pressuposto emancipador desejado por Leslie e Ben aos seus/suas filhos/as.

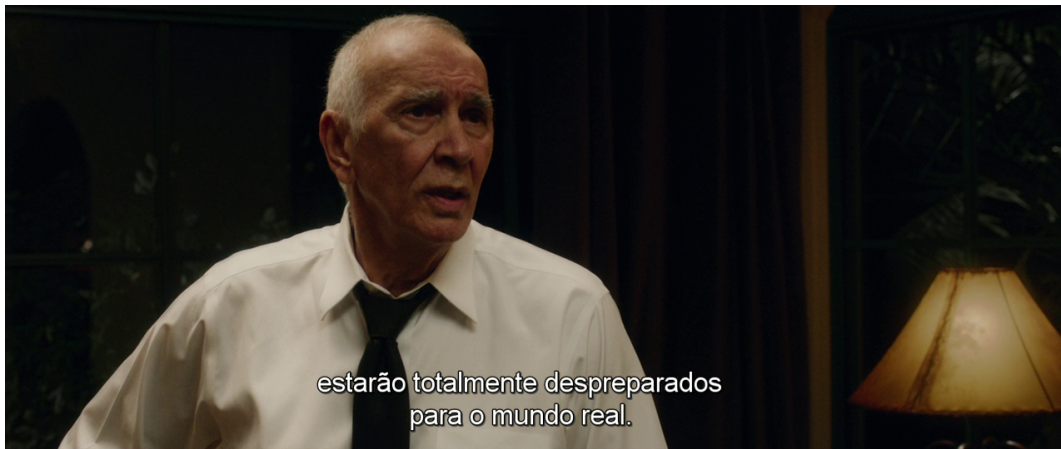


Logo depois do confronto no ritual funerário da morte da mãe na igreja, a família de Ben fica hospedada na casa do pai de Leslie, Jack, que é avô dos/as meninos/meninas. Ali na mansão de Jack, temos uma situação-problema e a cena fundamental do filme que é o confronto entre Jack e Ben, duas perspectivas opostas de mundo. O primeiro quer a guarda dos seus netos, para assim educá-los conforme a escolarização formal na sociedade capitalista, bem como dar condições financeiras para construírem a sua vida sob a sua tutela, enquanto o segundo não quer aceitar deixar seus filhos para o pai de Leslie e, por conseguinte, desistir de seu sonho de romper com essa sociedade.

Assim, percebemos duas visões que entram em oposição. Por um lado, entre a família da esposa que possui o poder financeiro e um pertencimento de classe privilegiado, conforme a sociabilidade e mentalidade burguesa; por outro lado, um indivíduo sem muitas condições financeiras (desprivilegiado), que ainda permanece com um sentimento de culpa, fracasso e tristeza por não realizar o desejo de sua esposa de ser cremada e sentir o peso da sua morte. Nessas cenas observamos o poder que Jack detém sobre Ben através da sua condição social privilegiada.







Portanto, somos confrontados a essas duas situações opostas: a realidade que existe como está (o mundo real), a sociedade capitalista, e a realidade que a família deseja construir, o que está vinculado a uma utopia abstrata (uma sociedade alternativa ao capitalismo); ou seja, a vida nessa sociedade capitalista ou essa da família, marginal, "hippie", "fracassada". No decorrer do filme e com seu desfecho na cena final, a segunda opção (realização da utopia abstrata) é aquela que o filme repassa. Em vistas de um possível abandono de Ben aos seus/as filhos/as, eles vão atrás de seu pai, renunciando à vida que poderiam ter com seu avô. Dessa maneira, o filme sintetiza a sua mensagem nas cenas finais (o momento de cremação da mãe e da família voltando ao seu modo de vida no meio da natureza), realizando finalmente o desejo da mãe em ser cremada em um ritual com dança, música e alegria; ser lembrada através da união,



do amor e das lembranças; e, posteriormente, deixar que um vaso sanitário qualquer leve suas cinzas – uma cena irônica que traz alguns elementos da concepção budista ressaltada pelo filme.



### Conclusão

De qualquer maneira, por mais que a família tente romper com a educação dominante (escolarização formal) e criar um modo de vida marginal, uma vida diferente dessa instituída atualmente, a mudança ainda é localizada, limitada em si mesma, não se generalizando pelo resto da sociedade. Por isso, o filme também expressa os seus limites, as contradições, entre o isolamento por escolher ser radical, onde a maioria não o é. A radicalidade da família é colocada no seu modo de vida organizado via trabalho coletivo, produzindo os seus bens necessários à sobrevivência e reproduzindo valores

**Ano 04, numero 08, jul./dez. 2017**

**[36]**

*Poeticus - Revista de Poesias, Artes e Reflexões*



autênticos, como o amor, a solidariedade e a amizade. Por conseguinte, a negação de outros valores (egoísmo, inveja, dinheiro como valor fundamental), a hierarquia, as relações mercantis e as organizações burocráticas, como a igreja e a escola que é negada parcialmente, reforçam a criticidade humanista do filme.

Entretanto, a radicalidade, entendida como ir à raiz dos problemas, o que pressupõe um projeto de superação do capitalismo e das relações sociais burguesas não é apontada pelo filme. Por isso, é uma radicalidade apenas parcial. Assim, o dilema da morte da mãe (Leslie) dos/as meninos/as, em que pese toda a experiência de formação singular que eles tiveram, não foi possível de ser evitada<sup>2</sup>. Ou seja, como viver de maneira autêntica, desenvolvendo todas as potencialidades, concretizando a felicidade, em uma sociedade prisioneira de suas ilusões, doente e infeliz? As consequências psíquicas e sociais de viver nessa sociedade foram o distanciamento dos/as filhos/filhas da sociabilidade dominante burguesa, o que levou aos conflitos na trama e suas situações-problemas, como a quase morte da filha de Ben ao cair do telhado, o rompimento da família de Ben com a família de classe social privilegiada de sua esposa e as angústias de alguns dos/as filhos/filhas dele ao perceberem a contradição entre a realidade capitalista e o seu modo de vida oposto, diferente dos demais indivíduos.

No entanto, podemos dizer que o filme expressa em sua mensagem que é possível, como demonstrado pela vida dessa família, um ser humano que não deixe de desenvolver suas potencialidades. Quando os/as filhos/as recusam a vida com seu avô, os privilégios financeiros de uma vida melhor e a ascensão social de classe, e retornam à vida comunitária com seu pai, mantêm ainda a dignidade, mesmo que de maneira limitada, de preservar os seus valores autênticos. Serem solidários verdadeiramente com

---

<sup>2</sup> O filme coloca duas interpretações para a morte de Leslie. A primeira seria fornecida por Ben que coloca a morte como derivada de uma psicose pós-parto depois do nascimento do primeiro filho, enquanto a segunda seria colocada por Jack através da reclusão da filha a partir da sua mudança de vida e posterior casamento com Ben. Acreditamos que as duas interpretações são insuficientes. Sem dúvidas, a depressão pode ser acentuada por problemas do parto, ou seja, que remete a um problema orgânico. Porém, a própria contradição da situação social de Leslie, por pertencer originariamente a uma família privilegiada, a uma determinada concepção religiosa conservadora (católica), e depois precisar romper com determinados valores e classe social, para assim viver a sua vida com Ben, possivelmente pode ser a razão do agravamento da depressão, o que remete para questões sociais, e não apenas orgânicas. No entanto, nada no filme possibilita uma análise mais aprofundada da morte de Leslie.



o próximo, desenvolver o conhecimento, o pensamento e controlar a sua vida, autonomamente, sem a necessidade de ilusões e controle exterior.

O filme é assim “fantástico”, por apresentar elementos críticos dessa sociedade, e pelo seu ideal (utópico abstrato) ao expressar algumas potencialidades humanas autênticas (solidariedade, amor, amizade) que foram desenvolvidas dentro de uma essência humana, mas que ainda não conseguem serem plenas, devido à maneira que os seres humanos existem concretamente na sociedade capitalista. Também é importante destacar a função da família na trama do filme, constituindo como o agente coletivo que possui destaque dentro do universo fílmico. Por mais que o pai (Ben) tenha uma função importante, ainda assim é a família, e não um indivíduo ou herói que possui a primazia na trama, como é comumente reproduzido na maioria dos filmes norte-americanos. É a família o agente concreto que leva a uma possível transformação social no universo fílmico de *Capitão Fantástico*. Assim, mesmo que a transformação social, limitada e reduzida a um agente específico que é a família “fantástica” do filme, não se generalize e acabe tomando conta do restante da sociedade, pois os/as filhos/as de Ben começam a frequentar a escola, o filme cumpre função crítica e desvela uma família diferente, “excêntrica” para a vida que temos atualmente, ocupada quase integralmente dentro do processo de escolarização.

Levando adiante uma citação que o filme faz de Noam Chomsky: "Se você admite que não há esperança, então você garante que não haja esperança. Se você admite que há um instinto para a liberdade, que existem oportunidades para mudar as coisas, então há a possibilidade de que possa contribuir para a construção de um mundo melhor". Portanto, resta a nós lutar pela transformação da sociedade e pela formação de um ser humano onilateral, inserido em um projeto mais amplo denominado de autogestão social. Assim, ao invés de “poder ao povo” e “abaixo ao sistema” (termos abstratos), podemos dizer dentro de uma perspectiva revolucionária: “todo poder aos trabalhadores” e “abaixo o estado e o capital”.







### Referências

CAPITÃO FANTÁSTICO, Matt Ross (Estados Unidos, 2016).

TRAGTENBERG, Maurício. *Sobre Educação, Política e Sindicalismo*. São Paulo, UNESP, 2004.

VIANA, Nildo. *A Dinâmica da violência juvenil*. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

VIANA, Nildo. *Cinema e Mensagem. Interpretação e Assimilação*. Porto Alegre: Asterisco, 2012.

VIANA, Nildo. *Como Assistir um Filme?*. Rio de Janeiro: Corifeu, 2009.

